

PRÉMIO
SGPCM

FBAUL

Alberto Marques	16
Ana Romãozinho	22
Ana Sofia Sá	28
Ânia Pais	34
Bárbara Jasmins	40
Joana Hamrol	48
Joana Paiva Sequeira	54
João Madureira	60
Julian Sanchez	66
Lígia Fernandes	72
Lorenzo Bordonaro	78
Maria Inês Alves	86
Pedro Liñares	92
Simão Martinez	98
Tiago Costa	104
Tomás Serrão	112

Uma das primeiras coisas que me chamou a atenção, quando iniciei estas funções, foi o potencial expositivo que o edifício da Presidência do Conselho de Ministros (PCM) oferecia e, paradoxalmente, a carência de obras de arte de referência naquela que é a sede do poder executivo. Neste contexto, a sala onde o Conselho de Ministros reúne todas as semanas assume, naturalmente, uma importância central. Mas não é caso único: do átrio à sala dos atos oficiais, da biblioteca à sala das conferências de imprensa, passando pelos longos corredores que unem estes espaços, todo o edifício é uma montra de exceção que urge valorizar, conferindo-lhe a dignidade institucional que é inerente a um centro de governo. Mas como?

A solução evidente — e mais segura — teria sido recorrer a artistas com experiência e créditos firmados. Mas seria um erro deixarmos-nos imobilizar pelo peso de uma instituição como esta: também sob este prisma, a PCM não deve ter medo de arriscar. Deve, mesmo, dar o exemplo, apostando nas expressões artísticas mais inovadoras e fomentando novos talentos. Assim, com este intuito, firmou-se um protocolo com a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, nos termos do qual foi organizado um concurso destinado à seleção, exposição e aquisição de obras *site specific* criadas pelos seus alunos, para valorizar o edifício sede da PCM.

A aposta revelou-se um sucesso. Os alunos de Belas-Artes aderiram em massa, e as dezasseis obras escolhidas são bem demonstrativas da extraordinária capacidade que a arte tem de nos tocar e de fazer olhar com outros olhos o mundo que nos rodeia. É, por isso, com grande orgulho que a PCM acolhe e expõe na sua sede este espólio. Mas não só: algumas das obras que o compõem constituirão o embrião de um novo acervo artístico — a reforçar nos anos vindouros, através da reedição deste concurso — que enobrecerá a função de representação protocolar e político-institucional que o edifício da PCM encerra, vincando, do mesmo passo, o compromisso do Governo com a promoção das artes plásticas e da cultura em geral.

Estamos, assim, perante uma conjugação perfeita, que me apraz registar: arte, política e juventude, combinadas numa demonstração de criatividade que não poderá deixar de estimular as reflexões dos decisores que, semanalmente, se reúnem neste edifício para moldar o futuro coletivo do nosso país.

Tiago Antunes

Secretário de Estado da Presidência
do Conselho de Ministros

Uma nova Visão

No seguimento de todo o trabalho de nos repensarmos enquanto organização também o espaço físico necessitava de projetar uma visão de abertura.

Se é certo que é aqui neste edifício onde se reúne o governo, não é menos verdade que este edifício é rodeado de escolas onde o som, de risos, de corridas, de bolas, de apanhadas, de escondidas, de festa mas principalmente de futuro nos entra pelas janelas.

O protocolo entre a Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros (SGPCM) e a Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa vem responder a uma necessidade que a Secretaria-geral identificou: de abrir as suas portas ao exterior.

Esse processo passa por trazer escolas a visitar o Centro do Governo através de um projeto educativo cada vez mais central, que não se encerra em visitas de estudo a um órgão de soberania.

Disponibilizar as paredes, tetos e chão do Edifício da Presidência do Conselho de Ministros a obras de arte de jovens artistas dá-nos a responsabilidade de nos expormos ao que pensam de nós e do modo como nos vêm mas, também nos dá, a responsabilidade de projetarmos o futuro e de incentivarmos a imaginação.

O desafio que foi lançado aos alunos da FBAUL de transformar alguns espaços da SGPCM, como o átrio, a sala dos atos, a própria sala do Conselho de Ministros apenas seguiu uma regra: sem regras, apenas com imaginação.

Da continuação deste projeto espero que nos traga mais obras, mais jovens artistas e que esta casa esteja sempre aberta ao Futuro.

Uma outra maneira de ver o Futuro.

David Xavier

Secretário-Geral da Presidência
do Conselho de Ministros

Primeira Edição do Prémio SGPCM — Belas-Artes

Uma auspiciosa colaboração entre a Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros e a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, firmada através de protocolo de Outubro de 2018, tomou corpo na exposição que agora se apresenta na Presidência do Conselho de Ministros com obras de dezasseis alunos seleccionados para o efeito.

A selecção foi realizada por uma comissão científica constituída pelo Vice-Presidente da Faculdade Ilídio Salteiro e os coordenadores das áreas através das candidaturas apresentadas até 28/02/2019 dos alunos do 1º e 2º ciclos de arte multimédia, desenho, escultura e pintura.

O concurso tem como objectivo premiar a criação de obras *site specific* destinadas a decorar a sala de reuniões do Conselho de Ministros, bem como outros espaços do edifício sede da Presidência do Conselho de Ministros, assim como a divulgação de novos talentos nas artes e no design.

As obras dos dezasseis alunos seleccionados serão ainda susceptíveis de serem distinguidas pela Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros através da atribuição de três prémios pelo júri constituído pelo Secretário-Geral da SGPCM, o Presidente da Faculdade e os Directores das Áreas, sendo estas obras integradas, a partir desse momento, na colecção.

Sendo que uma das linhas estratégicas da Faculdade de Belas-Artes reside na relação com a sociedade e com as instituições que a compõem em processos colaborativos que dão a conhecer o seu interior e as suas potencialidades, muito nos congratulamos por esta iniciativa, que julgamos ser a primeira de outras que se seguirão.

De salientar ainda o facto de este tipo de colaboração e iniciativa facultar uma experiência fundamental para os futuros artistas e *designers*, além de se constituir como um estímulo para a sua formação académica, mas acima de tudo uma experiência que, sendo agora acompanhada pela SGPCM e FBAUL, os prepara para a vida profissional e reconhecimento futuros.

Congratulando-se com esta colaboração, a Faculdade de Belas-Artes quer deixar aqui os agradecimentos a todos aqueles que se envolveram neste processo, e em especial à Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros que generosamente criou este Prémio SGPCM — Belas-Artes cuja dinâmica vem enriquecer ambas as instituições.

A Presidência da Faculdade de Belas-Artes
da Universidade de Lisboa

Fernando António Baptista Pereira
Cristina Azevedo Tavares
Ilídio Salteiro

Tudo se passa antes de a obra existir

Percebemos que SGPCM — FBAUL, um protocolo, um concurso, é um programa ativo, em favor do nascimento de objetos imbuídos de cargas estéticas e promotores de sinergias, dinâmicas e pensamentos, com dimensões subliminares de comunicação, que irão contribuir inevitavelmente para entendimentos plurais, abrangentes e democráticos sobre os assuntos do nosso tempo.

Todos reconhecemos a importância de se investir na arte e na cultura. Mas com que fins? Sobre estes é necessário ponderarmos, uma vez que as instituições, os patronos ou o simplesmente o poder têm a tendência para se servir da arte como «flor na lapela», como instrumento da sua força, como imagem da sua marca. E isto, sendo uma realidade, não é, no entanto, a coisa última do artista, nem a causa que o conduziu a transformar matérias em formas/objetos que identificamos como arte e com as quais obrigatoriamente convivemos, porque é componente imprescindível da vida humana.

Quando nos referimos à importância de se investir em arte, devemos salientar os dois modos de o fazer, com igual importância, mas radicalmente opostos: referimo-nos ao investimento em arte e ao investimento em arte contemporânea. Parecendo atitudes semelhantes, porque em ambos os modos a arte é o objetivo último, correspondem, no entanto, a modos bem diferenciados. No investimento em arte as escolhas fazem-se sobre a obra já feita, já eleita, já contextualizada num universo de legitimações muito alargado e plural. No caso do investimento na arte contemporânea o investimento reside na opção, na aposta, na crença de que as coisas vão dar certo, na troca e na partilha com o artista. Tudo se passa antes de a obra existir.

Salientam-se estes modos de investimento porque esta exposição, SGPCM — FBAUL, resulta precisamente deste último modo: investimento na arte contemporânea.

Um modo que tem por base a convicção de que as pessoas, as coisas a ou objetos que produzem, serão património cultural e artístico. Estamos na presença de obras que não existiam antes do

protocolo, obras que foram especificamente feitas para este local, para este projeto, carregadas de alusões simbólicas e metafóricas acerca do meio e das circunstâncias que as esperam neste espaço.

As matérias que as fazem, o tempo e os conceitos que as contextualizam são a simbiose indispensável da arte contemporânea como estrutura de uma humanidade em construção contínua. Nesta conjuntura, a produção artística transforma-se naturalmente em património cultural se existir uma fundamentação interna que a justifique e um enquadramento externo que a valorize. E, aqui, estamos perante as duas situações.

O tempo presente necessita de ícones, de hierofanias que afirmem a supremacia sobre o que é apenas material. Trata-se simplesmente de uma necessidade básica e primordial indispensável à humanidade.

Esses ícones são aquilo que se salienta, são o mundo dos sinais, dos objetos, das coisas e dos acontecimentos imbuídos das verdades dos diversos tempos presentes. Mas as obras antes de serem meios para muitos fins, foram o resultado de muitas interrogações e desejos, de muitos investimentos, de muitas sintonias e partilhas, de muitas tentativas de obter construções magníficas.

Como resultado de todos estes investimentos temos neste momento a possibilidade de usufruir um conjunto de obras em diálogo com as particularidades do espaço da SGPCM, não só pela sua dimensão arquitetónica, mas sobretudo pela sua dimensão social e política. Um conjunto de trabalhos de dezasseis artistas que nos remete para a nostalgia da matéria como assunto abordados conscientemente, para o pensamento em si mesmo com as suas múltiplas vertentes decisórias, para a apropriação e o domínio dos espaços em constante modificação, para os mapeamentos de territórios concretos ou imaginados, e para as harmonias desejadas no funcionamento democrático.

Essa nostalgia da matéria encontra-se nas obras de Alberto Marques (*Ação/Substância*, 2019) expondo-a explicitamente, salientando

percepções de peso, de leveza, de bem e de mal, num confronto muito direto entre pessoa e objeto. Do mesmo modo Bárbara Jasmins, (*#monstro3*, 2019) socorre-se de memórias nostálgicas de São Miguel, Açores, para imaginar uma peça rugosa de negros, vulcânicos, oculta sobre ela própria, parecendo ocultar coisas fantásticas dentro de si. E Joana Hamrol (*Botijas da série Mineral*, 2019) aponta para a flexibilidade das inúmeras situações que o nosso dia-a-dia de exige. A flexibilidade presente na matéria, água, como coisa sólida, líquida ou gasosa, determinante na natureza, e com uma sedutora capacidade de adequação a qualquer meio. E esta mesma nostalgia da matéria é sentida no trabalho de Ana Sofia Sá (*Dilúvio*, 2019) ao representar com grafite sobre a brancura primordial do gesso, com uma bidimensionalidade objetual muito grande, a gênese das coisas da vida.

Mas para além das formas existe o pensamento que lhes confere uma identidade reflexiva evidente. As duas fotografias de Ana Romãozinho (“P1” e “P2”, 2019) numa primeira vista, parecem ser duas composições distintas onde elementos idênticos diferem apenas pelas cores e pelos lugares que ocupam. Mas um olhar mais atento verificará que as duas fotografias retratam exatamente a mesma composição e os mesmos objetos e que se trata apenas de duas perspetivas de um mesmo modelo. Tal qual num debate de ideias, de opiniões, sobre diversidades ou identidades, onde pontos de vista diferentes permitem erguer vontades e construir unidades. Joana Paiva Sequeira (*Forma das Ideias*, 2019) também parte da noção de diferentes ideias e pontos de vista como coisas regularmente discutidas e fundamentadas dentro espaço da política. Ideias que, não sendo visíveis nem tão pouco conhecidas pelo cidadão comum, quando implementadas, transformam sociedades. Sociedades que apenas têm direito a ver a forma exterior, as consequências, os impactos, não podendo saber o que está no seu interior e que nunca será desvendado. O desenho de Lígia Fernandes (*As Mulheres Africanas da Faculdade de Belas Artes de Lisboa*, 2019) remete-nos para as questões da emigração, das diferenças culturais e leva-nos a um pensamentos que, segundo a própria artista, trata da natureza do universo destas mulheres vindas de fora, e da viagem que fizeram (?), da língua que falam (?), da tradição

(?), e sobre qual a visão do mundo e da arte, com a qual convivem diariamente numa escola de belas-artes? Quanto a Tiago Costa, (*Forest (dis)section*, 2019) apresenta um conjunto de estruturas cilíndricas verticais, desenvolvendo uma tensão entre a natureza e a cultura, e o aparente domínio do ser humano sobre os outros seres vivos. Para isso ficcionou uma obra que não sendo uma floresta, remete-nos uma elaborada construção de formas verticais, quase como troncos de árvores feitas de retalhos de origens híbridas e ambíguas. Em Julian Sanchez, (*The flight of the bumblebee*, 2019) somos confrontados com um aparente instrumento musical que resulta do encontro do artista com coisas-objetos (madeiras, portas, pés de cadeira e metais) recolhidos na rua durante um dia mítico, e assemblados numa espécie de voo pela sobrevivência a que alguém nos destinou. Lorenzo Bordonaro (*Todo o muro é um horizonte*, 2019) relaciona os espaços interior e exterior, através da apresentação de três esculturas e três desenhos, que exploram o lado material e simbólico da delimitação e circunscrição dos espaços. Uma atitude comumente utilizada pelos poderes que nos gerem e orientam.

Se as belas-artes têm a estética como pano de fundo, as artes-plásticas têm o espaço. E o espaço é o que o artista mais absorve, apropriando-se de qualquer um, como sendo o último, como sendo o domínio da sua autoridade. O espaço do atelier é sempre insuficiente, e por isso expandir-se-á, progressivamente, até a chegar a uma categoria artística bem estabelecida: a instalação. João Madureira, (*sem título*, 2019) também se apropria de um espaço, tentando anular elementos ortogonais que abundam em todas as salas e corredores do edifício, pela introdução da linha curva, intrusiva, como sinal da existência de uma outra geometria para além da euclídeia. Ânia Pais, (*Sombra*, 2019) intervém igualmente no espaço, com um caráter instalativo evidente, fazendo da luz o seu elemento concetual de eleição. Uma luz que estruturalmente ordena as matérias que compõem a sua obra. Uma luz que se traduz em branco sobre preto, com o objetivo de provocar mistérios, dramatismos e emoções.

A obra de arte contemporânea fundamenta-se e atua sobre a vida real. E esta vida real é feita de mapeamentos, de planificações, de visões globais, com as quais podemos concordar ou não, mas que são factos. Factos que levam Maria Inês Alves (*Sem título*, 2019) a construir uma obra de carácter intencionalidade imersivo e contemplativo, que nos remete para um sentido de cartografia. Como mapa de sítio nenhum, tendo por base vistas aéreas de territórios e ordenamentos. Partindo também desta ideia de visão global Pedro Liñares (*Os Jazigos da área original do Cemitério dos Prazeres*, 2019) faz o mapeamento das esculturas de um espaço muito específico (cemitério dos Prazeres) como ponto de partida para a construção de um painel, impressos digitalmente, realçando na parede de um corredor deste edifício (SGPCM) os seus arredores e a sua história.

Mas continua a ser possível distinguirmos ainda a importância dada à harmonia compositiva como contributo para a harmonia desejada no funcionamento democrático das instituições. Assim o trabalho de Simão Martinez, (*O Delírio das Fragas*, 2019) gravita em redor da criação de obras de expressão gráfica, como veículos capazes de partilhar beleza e de resistir ao tempo numa alusão aos investimentos no futuro, com uma infinidade de assuntos debatidos em salas de reuniões de conselhos. E Tomás Serrão (*Casulo*, 2019) explora a ideia de tranquilidade e de harmonia primordial pela suavidade, pela ausência da agressividade de arestas, por ter removido da matéria original, a pedra, tudo o que seria acessório. O valor intrínseco desta obra está na sua simplicidade. Ela aparenta ser apenas uma espécie de casulo que esconde as metamorfoses do ciclo da vida em harmonia.

O fazer artístico não é coisa fácil. Necessita de aprendizagem, prática e focagem, ou seja, de saber, fazer e ideias. E estas três unidades coabitam inseparáveis da investigação paralela e inerente a um projeto artístico individual consequente como é o caso de todos estes artistas. Foi nestas circunstâncias que estes trabalhos surgiram, fruto desse protocolo entre duas instituições disponíveis para receberem obras em estado aberto. Tudo se passou antes de as obras existirem! Verificamos, pois, que se cumpriu a

missão do artista e do mecenas que será estarem despertos para o espaço-tempo que habitam e partilham com o outro, porque o mundo carece, permanentemente, de contributos que garantam a energia capaz de o manter em movimento.

Ilídio Salteiro

Vice-Presidente da Faculdade de Belas-Artes
da Universidade de Lisboa

OBRAS

WORKS

Alberto Marques

ACÇÃO / SUBSTÂNCIA

gesso acrílico s/ pinho, tinta acrílica entre
rede de malha fina de fibra de vidro
240 × 100 × 3 cm
2019

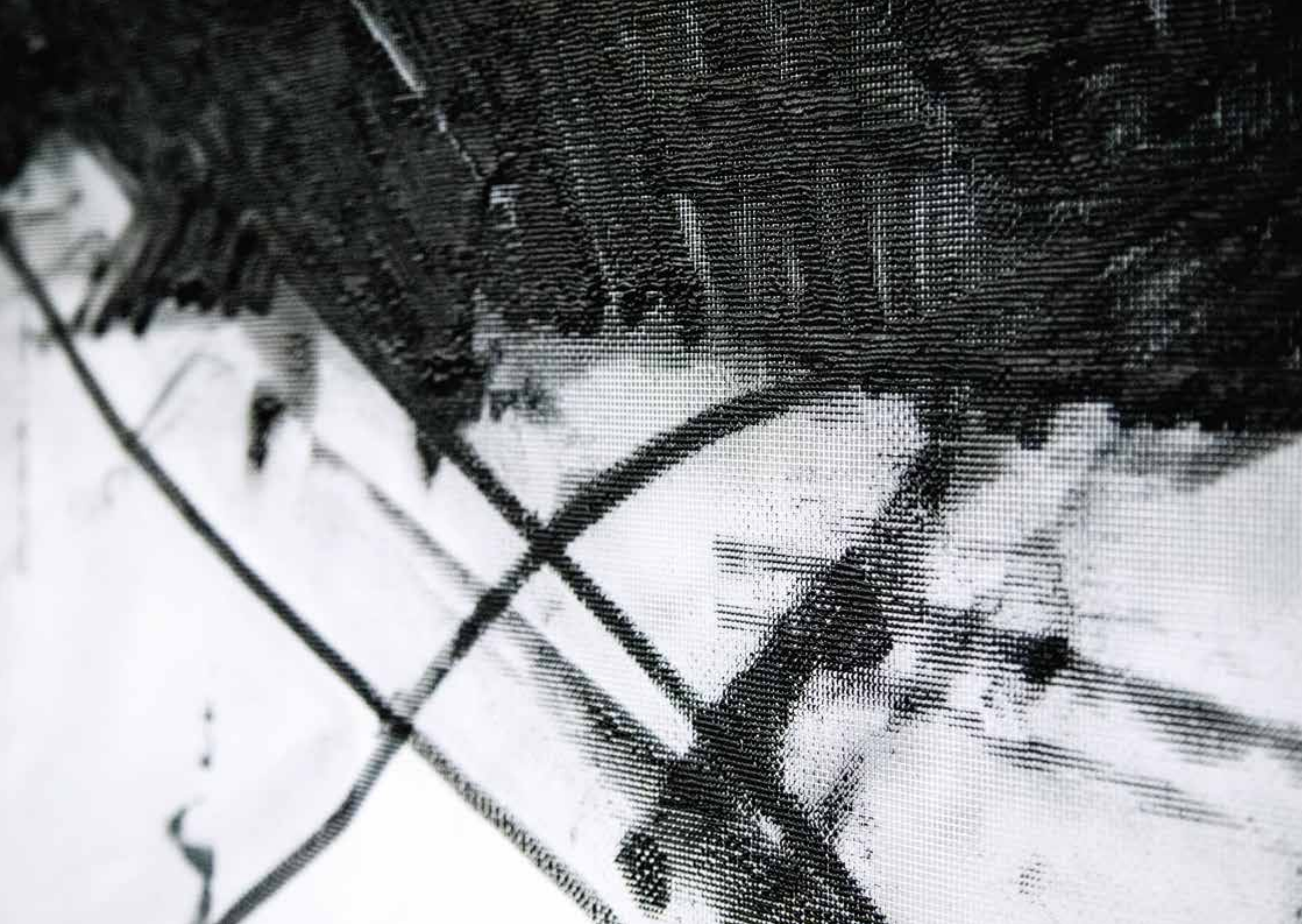
A peça proposta destina-se a retirar da componente visual a aproximação entre os materiais e o observador. A tinta aplicada ao revés adquire dimensão na face anterior e frontal da obra, dando-se desta forma a aproximação. A personificação implícita em partes da forma pintada, transportar-nos-á para uma dialéctica de peso e leveza, bem e mal, pessoa ou objeto. É sucintamente uma abordagem ao pictórico com os seus ressurgimentos e todos os seus amorfismos.

A sua forma final é a revelação de um processo gestual e de um pensamento “poietico”.

The proposed piece aims to extract from the visual component the approximation between the materials used and the observer. When applied in reverse, the paint acquires dimension on the former and frontal face on the piece, giving it a sense of proximity. The personification implicit in certain parts of the painted form will carry us into a dialectic of weight and lightness, good and evil, person or object. Briefly, it is an approach to the pictorial with its resurgence and all its amorphisms.

Its final form is the revelation of a gestural process of “poietic” thought.





Ana Romãozinho

P1 + P2
impressão s/ papel
65 x 65 cm (x2)
2019

À primeira vista, trata-se de duas composições distintas mas congéneres, nas quais diferentes cores e formas ocupam distintos lugares, dentro da rede quadrangular que sustenta a composição da obra. Um olhar mais atento verificará, no padrão das cores, que as duas fotografias retratam exatamente a mesma composição e os mesmos objetos, tratando-se então de duas perspectivas.

Esta obra é composta por duas fotografias, uma espécie de díptico, um conjunto e ao mesmo tempo um confronto, entre: “P1” e “P2”, que distinguem duas perspectivas.

Assim, é proposta para a Sala do Conselho de Ministros aquilo que este representa: uma reunião de pontos de vista, aquilo que permite erguer uma vontade, desenhando uma unidade, que valoriza a diferença, a diversidade e a identidade de cada indivíduo que a compõe.

At first sight, I share two distinct, but congeners compositions, in which different colors and shapes fill different places, within the square grid that supports the overall work composition. Under a keener look one may notice, that both the colours and the patterns of the two pictures present exactly the same setting and the same objects, which in turn makes it two perspectives.

This work is composed by two photographs, a kind of diptych, an ensemble and, at the same time, a confrontation between “P1” and “P2”, which distinguish the two perspectives.

Therefore, what’s here proposed for the Chamber of Ministers is the very essence that said Chamber represents: a meeting of points of view, the conduit of one’s will, drawing a unit, that values the difference, diversity and identity of each of the individuals that in this Council serve.



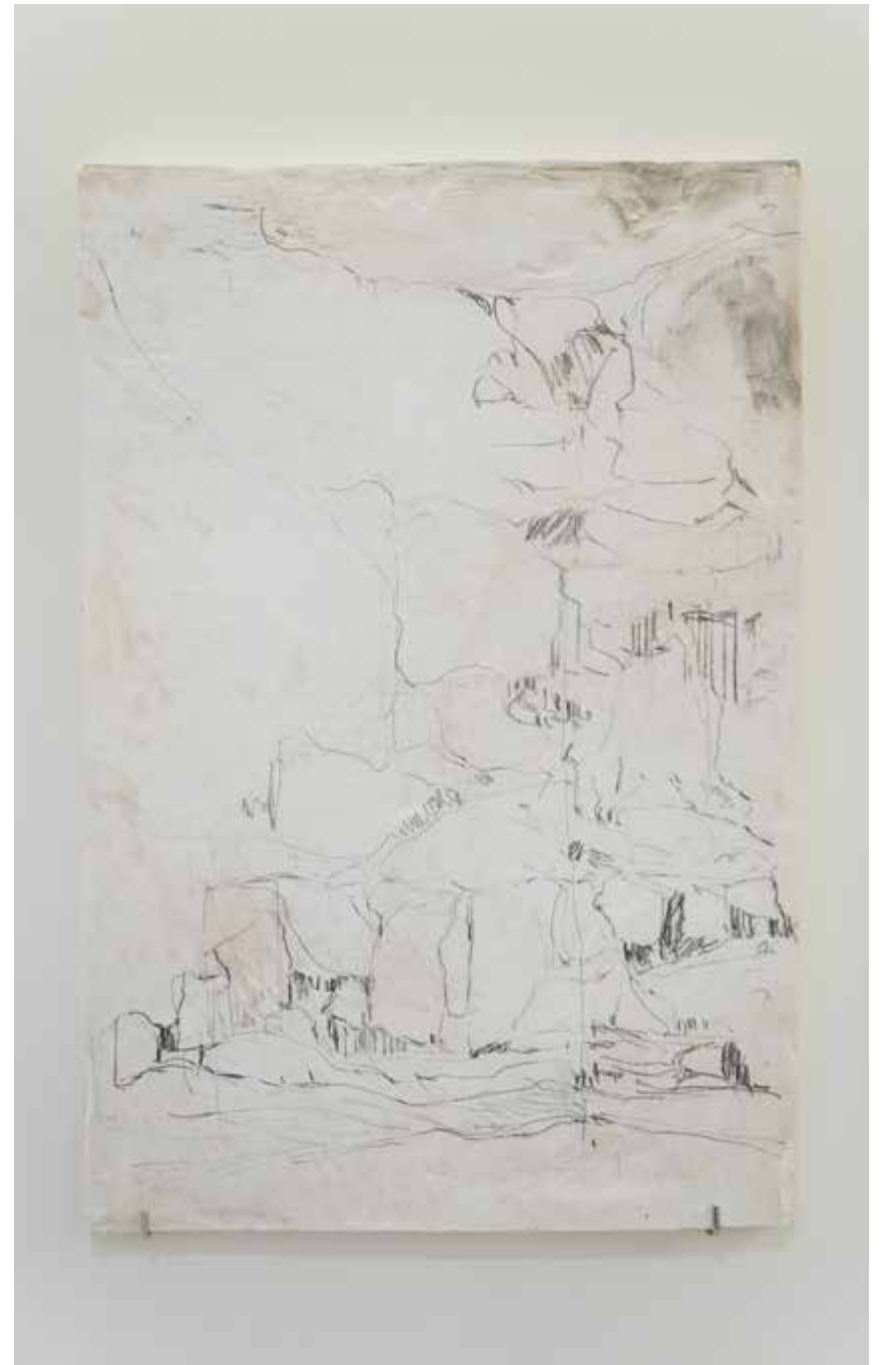


Ana Sofia Sá

O nascimento suscita-me a imagem de um “dilúvio”. Aquilo que nasce é o ser que emerge da água e se torna presente. Vindo do interior, de um grande útero infinito.

*The birth itself brings up the image of a ‘flood’.
A being who emerges from the water is born and made present. From deep inside an endless large womb.*

DILÚVIO
grafite s/ gesso
62 x 42 x 2,5 cm
2019





Ânia Pais

SOMBRA
tecido s/ k-line, lã e linha
200 x 100 x 280 cm
2019

A presente obra é uma proposta de reflexão de uma jovem artista da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

A obra direciona-se para uma exploração do que se entende por luz e escuridão, percebendo essas duas realidades opostas que existem em silmutâneo, onde se remete para o confronto do ser humano com o desconhecido. Desconhecido esse que, por sua vez, o deixa desamparado, desprotegido e perdido. O incógnito encara-se como algo a evitar e quando perdidos nele trata-se de uma verdade do qual o ser tem de escapar. A artista trás para o espaço do espetador esse incógnito através das suas obras que se impõem e vivem por si mesmas no espaço. Com o objetivo de não só aumentar a ligação do observador com a obra, como também intensificar o questionamento perante as mesmas. Procura-se, por sua vez, a dimensão e o encontro com o Alguém que somos.

A artista faz da experimentação de materias, instrumentos, processos e tecnologias o seu universo de investigação. Trabalhando essa luz como um elemento compositivo capaz de criar transparências e velaturas, que revelam e omitem situações. A sua consciência é dominada pela intuição, a qual se constitui como chave do seu processo artistico.

The present work is a proposal of a young artist from Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

The work is directed towards an exploration of what is understood by light and darkness, perceiving these two opposing realities that exist at the same time, where it refers to the confrontation of the human being with the unknown. Unknown that which, in turn, leaves you helpless, unprotected and lost. The incognito is regarded as something to be avoided and when lost in, it's a truth from which the being has to escape. The artist brings to the spectator's space this incognito through her works that impose themselves and live by themselves in space. With the objective of not only increasing the connection of the observer with the work, but also intensifying the questioning before them. In turn, we seek the dimension and the encounter with the One that we are.

The artist makes the experimentation of materials, instruments, processes and technologies their research universe. Working this light as a compositional element capable of creating transparencies and cracks, that reveal and omit situations. Your consciousness is dominated by intuition, which is the key to your artistic process.





Bárbara Jasmins

#MONSTRO3

técnica mista

125 x 60 x 84 cm

2019

O meu trabalho surge no intuito de desenvolver uma informidade ocultista. Remete para uma organicidade plástica em que a matéria assume o estatuto do irreconhecível. No meu caminho, a matéria vive predominando sobre o pensamento.

Apesar de manipulada para fins formais, ela comporta sensações capazes de conduzir o olhar para a pureza das suas origens. Como tal, são aceites os comportamentos, resultantes das suas capacidades e limitações, de onde a matéria suja e pura provém. Deste modo, poeticamente falando, esta confiança e apreciação da Natureza estão impregnadas na obra — surge exatamente o que deve. O processo de execução, origina um ritual de compreensão sobre aquilo que é manipulado, e aquilo que acontece. Ao meditar sobre esta atividade criativa, e sobre a obra em si, como um organismo em processo, oriundo de uma fonte intuitiva (Obra Viva), encontro paralelismos com a arte processual.

Através deste processo intuitivo, apercebi-me que as obras acolhem memórias nostálgicas, nas quais existe um reconhecimento das minhas origens — São Miguel — Açores. Foi um encontro de reconhecimento emotivo, como se encarasse na criação a essência do meu próprio espírito. Uma organicidade recolhida da terra, das folhas, do nevoeiro que acolhe as árvores e as montanhas, da areia e da rocha, de uma paisagem queimada pelo calor vulcânico que o oceano abraça em torno de toda a ilha, até às saudades da família que se encontra distante, esperando pela minha chegada,... tudo isso tem um papel no meu processo de criação. Consequentemente, assumi com a matéria a comum proveniência: pedra, areia, argila vulcânica, pó de basalto... A pedra e a areia carregam também valores simbólicos que vão para além das conotações nostálgicas.

Considerando que as águas se encarregam de desvelar o solo, tornando a areia e a pedra elementos introdutórios da vida térrea. Um tapete de areia que emerge, como progenitor da matéria terrosa, dorme na vastidão do mundo subaquático — enigmático e ocultado pelas águas.

Assim desperta um desenvolvimento plástico onde a matéria assume uma tentativa de aproximação ao irreconhecível — a presença de uma estranheza perante os olhos viciados de imagens — estranheza presente no dia-a-dia das coisas, em que tudo parece verdadeiro na nossa realidade. Existe uma tentativa de revelar aquilo que se esconde, aquilo que nem é verdadeiro nem falso, apenas desconhecido. Apelando ao raciocínio e

dando como certo que tudo o que consideramos realidade, é na verdade uma imposição somente dos nossos, adotei um possível desconforto da chegada do irreconhecível, da verdade situada na ausência das coisas.

O meu pensamento artístico nasceu de uma reflexão introspectiva. Debato o que vejo, toco, cheiro, ouço, saboreio. A partir desta experiência desperta-me o interesse aquilo que falta e me é ocultado pelos sentidos. O negro tem significâncias muito fortes no meu trabalho plástico. Esta cor por si só nasceu para contar a história do mundo. No início era a noite, em que ao sair das trevas a vida pôde ganhar forma — mitologicamente falando, é onde tudo começa e acaba. O ser humano tem medo da escuridão, por ser um animal diurno é natural que o tenha — a perda da visão proporciona experiências de desorientação visual, onde o imperceptível é povoado pelas sombras, pela memória e pelo silêncio. O Negro “recepta” — personifica uma espécie de véu anterior à luz do dia, unificando todas as formas numa só. Este empenho em apresentar o que não é conhecido, também colabora com a “visão” dos cegos — os que percebem o mundo no seu pensamento.

My work is developed primarily around the ideas of the Formless and the Occult, in the sense of what’s unknown and unseen. The materials I choose to use usually hail from the Nature, and although I manipulate them for formal purposes, they have the ability to carry the observer’s gaze to the purity of their origins. Moreover, their essence — whether be their capabilities or limitations — is accepted. In this way, poetically speaking, my trust and appreciation for Nature are ingrained in my work — it “sprouts” exactly what it should. As I’m creating, it occurs a sort of ritual, where I become more aware of what is manipulated and its behaviors. Thinking of my work as an organism in process, born from an intuitive source (a living work of art), connects my way of creating to what it’s called Process Art.

Through this intuitive process, I realized that my work carries nostalgic memories and there’s an understanding of my origins and where I come from — São Miguel, Azores. It was quite an emotional realization — it was like seeing my own true essence in my creations. From the earth, the leaves, the fog that involves the trees and the mountains, the sand and rocks, the landscape burned by the volcanic heat that embraces the ocean all around the island, to the homesickness of my family that is distant,

waiting for my arrival; it all has a role in my creating process. Consequently, I decided to assume the matter provided from my place of origin, such as stone, sand, volcanic clay, basalt powder... The stone and sand also carry symbolic values that go beyond nostalgic connotations. Considering that the water is responsible for uncovering the ground, makes the sand and the stone introductory elements of the earthy life. A carpet of sand that emerges as the parent of earthy matter, that sleeps in the vastness of the underwater world — enigmatic, hidden by the waters.

From here, my artistic process flourishes from the desire of using the matter as an attempt of finding the unrecognizable — the presence of a strangeness before our eyes addicted to images. This strangeness, very present on a daily basis, is where everything seems true in our reality. There is an attempt to reveal what is hidden, what is neither true nor false, just unknown. It’s my intention to demonstrate that considering everything we see as a reality might not come upon the truth. Assuming this, I adopted this discomfort of the unknown, the truth hidden in the absence of things.

I can assert that my conceptual thought originates from an introspective reflection. I analyze what I see, touch, smell, hear and taste. This experience awakens my interest in what is hidden from my senses.

The color black has a very strong significance in my work. This color by itself, symbolically, was used to tell the history of the world. In the beginning there was the night, where out of the darkness life was able to take shape. In mythology, it’s where everything begins and ends. Humans are afraid of the darkness (it’s only natural, being diurnal beings) — the loss of vision provides experiences of visual disorientation, where the imperceptibility is populated by the shadows, memory and silence. The black “consumes”, “absorbs” — it objectifies a kind of veils that obscures the light of the day, unifying all shapes into one. This commitment to presenting what is not known also resonates with the “vision” of the blind — whom I do not consider “blind,” but rather people who perceive the world in their own mind.





Joana Hamrol

As presentes obras fazem parte de uma série de desenhos a aguarela pertencentes a um projecto artístico intitulado *Botijas*, que teve início em 2016. Nesta série que apresento — série *Mineral* — as *Botijas* saem do seu domínio de suspender uma sensação líquida para se transformarem em algo sólido, poderá ser um rochedo ou até uma explosão de tinta congelada no espaço e no tempo, onde qualquer tipo de movimentação é interdita — ficando em estado sólido aparente. A cor que se alastra acaba nos limites do suporte, mas mergulha no imaginário e na introspecção para consigo levar o espectador.

The present works are part of a series of watercolor drawings of an artistic project called *Botijas*, which began in 2016. In this presented series — entitled *Mineral series* — the *Botijas (Bottles)* leave their domain of suspending a liquifying sensation to become something solid, it can be a rock or even an ink explosion, frozen in space and time; where any type of movement is forbidden — turning to an apparent solid state. The color that spreads ends in the limits of the paper, but it immerses into the imaginary and the introspection in order to take the viewers with it.

BOTIJAS DA SÉRIE MINERAL
ecoline, guache e acrílico s/ papel
70 x 50 (x3)
2019





Joana Paiva Sequeira

A FORMA DAS IDEIAS
técnica mista
100 x 150 x 80 cm (x7)
2019

A FORMA DAS IDEIAS surge da constatação da importância que as ideias políticas, discutidas e fundamentadas dentro da Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros, têm na transformação que implicarão na sociedade, quando implementadas.

Se por um lado, essas ideias não são visíveis nem tão pouco, conhecidas pelo cidadão comum, quando aplicadas têm impacto e transformam a vida de todos nós.

Esta obra tem um carácter abstrato com o objectivo de traduzir a transformação contínua que as ideias e propostas políticas implicam depois de aplicadas na prática da governação. Neste caso, as “ideias ou intenções políticas” (passíveis de concordância e discordância) estão atrás da tela tensionada, mas, pela pressão que exercem, alteram o espaço, ou melhor...a realidade.

A FORMA DAS IDEIAS arises from the realization of the importance that the political ideas, discussed and grounded within the General Secretariat of the Presidency of the Council of Ministers, have in the transformation that will imply in the society, when implemented.

If, on the one hand, these ideas are not visible nor so little, known to ordinary people, when applied have an impact and transform the lives of all of us.

This work has an abstract character with the aim of translating the continuous transformation that ideas and political proposals imply after applied in the practice of governance. In this case, “political ideas or intentions” (subject to agreement and disagreement) are behind the tensioned screen, but by the pressure they exert, they alter space, or rather ... reality.





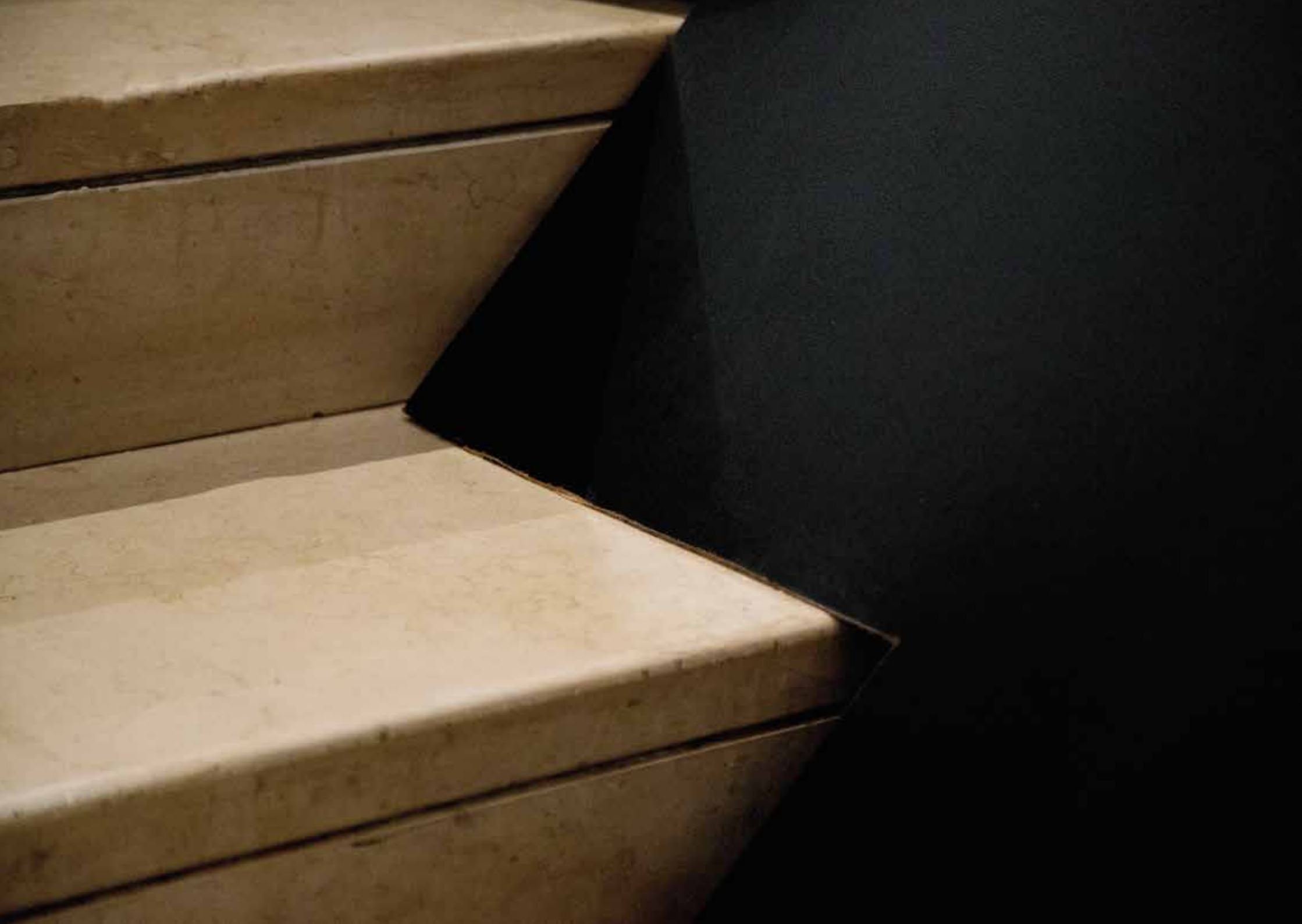
João Madureira

Apropriando-me de um espaço, componho um corpo escultórico que se serve dos elementos arquitetónicos do edifício da SGPCM, procurando quebrar os elementos ortogonais que abundam em todas as salas e corredores do edifício e acrescentando ao espaço um elemento curvo. Numa simbiose equilibrada entre uma geometria ortogonal euclidiana e a geometria das curvas, não euclidiana, um corpo escultórico que resulta de uma metamorfose entre estes diferentes processos de representação e medição do mundo.

Acquiring a space, I compose a sculptural body that uses the architectural elements of the SGPCM building, seeking to break the orthogonal elements that abound in all the halls and corridors of the building and adding to the space a curved element. In a balanced symbiosis between an Euclidean orthogonal geometry and non-Euclidean geometry of curves, a sculptural body resulting from a metamorphosis between these different processes of representation and measurement of the world.

SEM TÍTULO
madeira
279,5 × 243,6 × 100 cm
2019





Julian Sanchez

Neste trabalho, reutilizo materiais do cotidiano — lixo encontrado nas ruas —, criando dois instrumentos de cordas. A obra é acompanhada por um áudio que remete para o zumbido do voo das abelhas. A mensagem que pretendo transmitir é a importância das abelhas para o ecossistema e para o mundo.

In this work, I reuse everyday materials — rubbish found on the streets, creating two stringed instruments. The work is accompanied by an audio that refers to the buzzing of the flight of the bees. The message I want to send to the viewer is the importance of the bees to the ecosystem and to the world.

THE FLIGHT OF THE BUMBLEBEE
madeira, ferro e metal
dimensões variáveis
2019





Lígia Fernandes

*AS MULHERES AFRICANAS
DA FACULDADE DE BELAS ARTES DE LISBOA*
técnica mista s/ papel
dimensões variáveis
2019

Na Faculdade de Belas-Artes existem muito poucos, quase nenhuns, alunos africanos. No entanto a maioria das senhoras da limpeza são-no. E são presença constante nos seus corredores interagindo com os alunos, os projectos artísticos, os professores e o próprio espaço. Talvez, até, conhecendo-o na sua forma mais ampla. Tal presença leva-nos a questionar duas coisas: uma remete para a natureza do seu próprio universo: de onde vieram, que viagem fizeram, qual a sua língua, tradição, que histórias trazem consigo. A segunda é uma questão social que daqui despoleta: até que ponto existem acessos livres à educação artística? Pela falta de garantias num futuro, pelas limitações financeiras e culturais de certas famílias, poderá existir um elitismo nos acessos às áreas artísticas, remetendo as minorias e grupos mais desfavorecidos para outro tipo de profissões. Desta forma o universo das senhoras da limpeza da faculdade será ponto de partida para o desenvolvimento de uma composição pictórica chamando-as, desta forma, à pintura.

At Faculdade de Belas-Artes there are very few African students. Yet, the majority of the cleaning ladies are African. They are a constant presence in its corridors, interacting with students, the artistic projects, the teachers, and the space itself, maybe even knowing it in its widest form. Such a presence leads us to question two things: one refers to the nature of their own universe: where they came from, what journey they made, what's their language, which tradition they bring with them. The second is a social question that from here unleashes: to what extent is there free access to artistic education? Due to the lack of guarantees in the future, due to the financial and cultural limitations of certain families, there may be an elitism in the accesses to the artistic areas, leading minorities and disadvantaged groups to other types of professions. Therefore the universe of the cleaning ladies of the faculty will be starting point for the development of a pictorial composition, evoking them, in this way, to the painting.





Lorenzo Bordonaro

TODO O MURO É UM HORIZONTE
madeira, carvão s/ papel
230 x 60 x 200 cm
2019

(...)

*Né dolcezza di figlio, né la pieta
Del vecchio padre, né 'l debito amore
Lo qual dovea Penelopè far lieta,*

*Vincer potero dentro a me l'ardore
Ch'ì' ebbi a divenir del mondo esperto
E de li vizi umani e del valore;*

*Ma misi me per l'alto mare aperto
Sol con un legno e con quella compagna
Picciola da la qual non fui diserto.*

*

A saudade do filho, a mui diletta
Velhice de meu pai, de alta consorte
Santo amor, em que ardia sempre inquieta,

Não dominaram esse anelo forte
Que me impulsava a ser do mundo esperto,
Das manhas das nações, da humana sorte.

Lancei-me às vagas do alto mar aberto;
Sobre um só lenho me seguiu companha
De poucos, mas de afouto peito e certo.

Dante, *Inferno*, Canto XXVI

Todo o muro é um horizonte explora a relação e a dialética entre espaço interior e espaço exterior. Além das declinações mais concretamente arquitetónicas e formais destas noções, interessa-me a oposição que simbolizam entre os conceitos de casa e horizonte, finito e infinito, fecho e abertura, enquanto metáforas de movimentos do espírito humano. Há de facto uma ambiguidade implícita no ato de delimitação espacial: o gesto que fecha é simultaneamente constitutivo da dimensão humana (enquanto produtor de um espaço real e simbólico de proteção, refúgio, identidade, conforto) mas também imposição violenta, limitadora e autoritária. Todo o confirm, a fronteira, o limite, incita para a sua superação e ultrapassagem, alimentando o anelo para o infinito, para o espaço ilimitado, para a liberdade indeterminada e utópica. Os muros criam uma 'casa' (home), mas geram também um campo ilimitado e imaginário fora de si. A 'casa/identidade' torna-se então uma cela, da qual precisamos sair. Esta oscilação entre a procura do refugio e a tensão para o horizonte da liberdade é o tema central do meu trabalho.

(...)

*Né dolcezza di figlio, né la pietà
Del vecchio padre, né 'l debito amore
Lo qual dovea Penelopè far lieta,*

*Vincer potero dentro a me l'ardore
Ch'ï' ebbi a divenir del mondo esperto
E de li vizi umani e del valore;*

*Ma misi me per l'alto mare aperto
Sol con un legno e con quella compagna
Picciola da la qual non fui disertò.*

*

(...)

Nor fondness for my son, nor reverence
For my old father, nor the due affection
Which joyous should have made Penelope,

Could overcome within me the desire
I had to be experienced of the world,
And of the vice and virtue of mankind;

But I put forth on the high open sea
With one sole ship, and that small company
By which I never had deserted been.

Dante, *Inferno*, Canto XXVI

Every wall is a horizon explores the relationship and opposition between inside and outside, specifically focussing on the symbolic and material gesture of delimiting and circumscribing an originally undetermined space. Beyond the purely architectural and formal interpretations, I am interested in the dialectic between ideas of home and horizon, openness and closure, finite and infinite. There is actually an ambiguity and an unsolvable tension between inside and outside. On the one hand, closing a space upon itself is metaphorically making it human, creating a shelter, a refuge, a definite identity and a closed system. On the other hand, though, this act is authoritarian, violent and oppressive. Any border, limit, boundary, entices us to its overcoming, nourishing our desire for the infinite, for the limitless space beyond, for an imagined liberty. Walls create a home. At the same time, they generate a vast and undetermined

space beyond them. The home/identity becomes then a jail, from which we have to get out. This oscillation, between the need to take shelter and the drive to move beyond towards the horizon of freedom, is the main theme of my work.





Maria Inês Alves

*SEM TÍTULO (257-317 m DE ALTITUDE,
IGREJINHA — REDONDO)*
guache s/ papel
110 × 150 cm
2019

Partindo de uma condicionante inicial de várias projeções de vistas aéreas do território Português, construo uma nova imagem, uma paisagem desconhecida que se estabelece como um novo mapa para lugar nenhum, sendo, por isso, todos os possíveis. Elogio o mapa como uma afirmação verdadeira que estabelece uma falsidade, um registo efémero de um território em constante construção e alteração, reunindo em si lugares que nos são próximos ou neutros. Cada elemento que o constitui, repetido inúmeras vezes e sem origem definida (mas com direcções por vezes comuns aos que o rodeiam), cria o seu próprio tempo, sugerindo uma duração alongada e uma dimensão rítmica à pintura.

Having started with a series of projections of Portuguese aerial views, I aim to build a new image, an unknown landscape affirming itself as a new map to nowhere, so it could go anywhere. I praise the map as a true statement of establishing falsehood, an ephemeral register of a territory that is constantly changing, gathering both places which are close to us or neutral. Each element that takes part in it is repeated endlessly and has no specific origin, though sometimes has similar directions; it creates its own time, suggesting a sense of duration and rhythm to the painting.



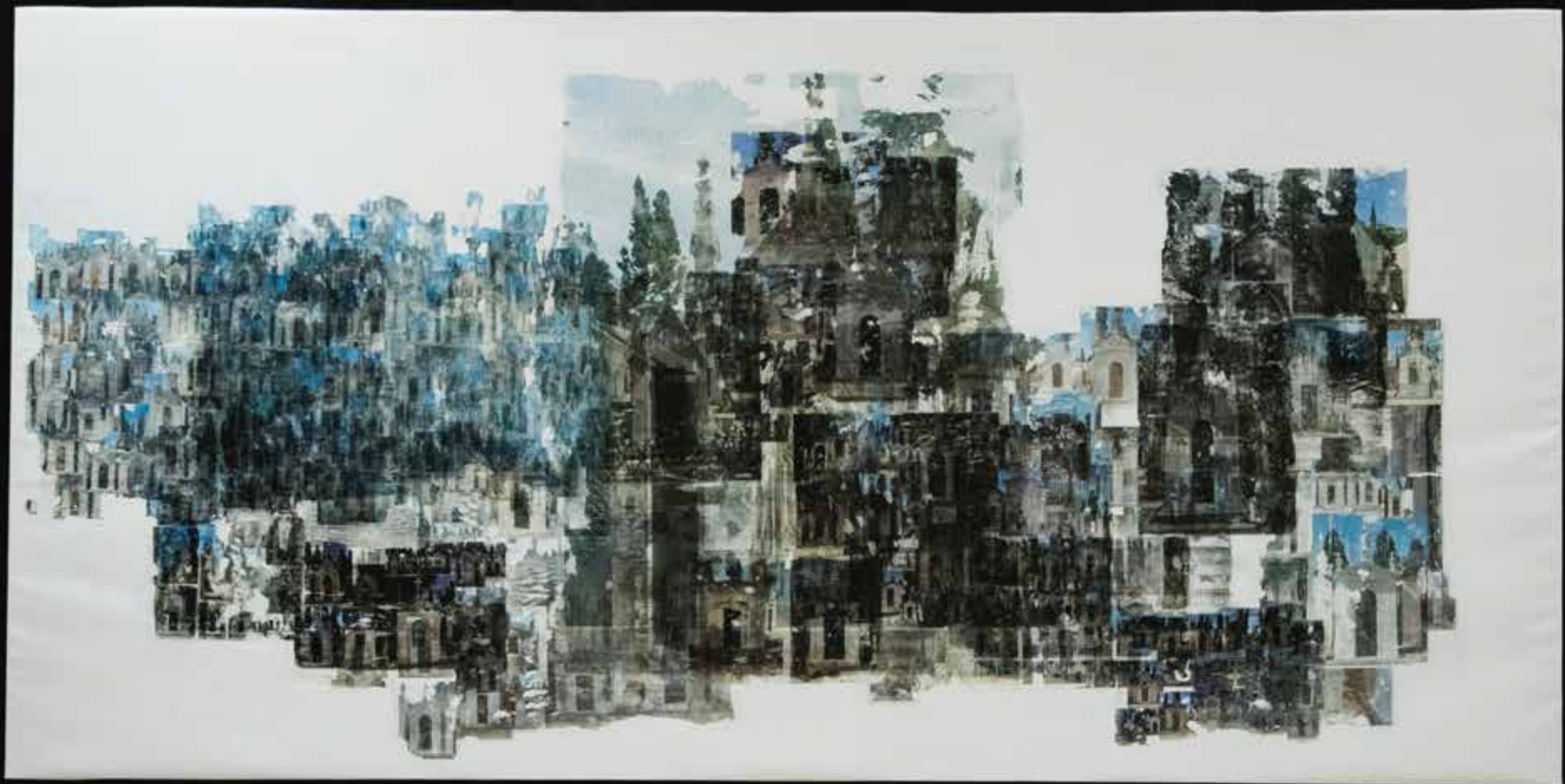


Pedro Liñares

OS JAZIGOS DA ÁREA ORIGINAL
DO CEMITÉRIO DOS PRAZERES
técnica mista
dimensões variáveis
2019

*Os Jazigos da área original do Cemitério dos Prazeres é uma instalação site specific concebida para o prémio SGPCM e faz parte da pesquisa teórico-prática *Entre imagens e bases de dados: percursos e poéticas possíveis* dentro do âmbito do Mestrado em arte multimédia na FBAUL. O trabalho consiste na criação, manipulação, atualização e reprodução de uma base de dados imagética de limites rígidos. A partir de uma catalogação, com fins poéticos, do trabalho arquitectónico e artístico desse espaço vizinho ao Conselho de Ministros busca-se refletir sobre o aspecto utilitário e técnico assumido pelas imagens digitais quando organizadas em bases de dados (que nos rodeiam no nosso dia a dia). Através de uma apresentação que utiliza mais de 400 imagens como pinceladas de uma pintura ou pixels de uma grande imagem abstrata pretende-se questionar o seu papel utilitário das bases de dados de imagens. *Os Jazigos da área original do Cemitério dos Prazeres* é uma proposta de utilização, visualização e compartilhamento de imagens dentro do contexto de idolatria da imagem. Ao refletir sobre nossa relação com as imagens no mundo das bases de dados e das imagens técnicas (imagens produzidas por aparelhos), como as imagens digitais, o trabalho sugere um novo papel de mediação entre nós e mundo imagético.*

*The graves of original area of the Cemetery of Pleasures is a site specific installation designed for the SGPCM award and is part of the theoretical-practical research *Between images and databases: possible paths and poetics* within the scope of the Master in Multimedia Art at FBAUL. The work consists of the creation, manipulation, updating and reproduction of an image database of rigid limits. The cataloging act, for poetic purposes, of the architectural and artistic work of this space close to the Council of Ministers seeks to reflect on the utilitarian and technical aspect assumed by digital images when organized in databases (which surround us in our day to day). Through a presentation that uses more than 400 images as brushstrokes of a painting or pixels of a large abstract image is intended to question its utility role of the image database. *The Graves of the original area of the Cemetery of Pleasures* is a proposal to use, visualize and share images within the context of image idolatry. Reflecting on our relationship with images in the world of databases and technical images (images produced by devices), such as digital images, the work suggests a new role of mediation between us and the imaginary world.*





Simão Martinez

O DELÍRIO DAS FRAGAS
técnica mista s/ papel
150 x 330 cm
2019

As cenas dispostas em *O Delírio das Fragas* derivam da reflexão sobre a experiência de lugares e fenómenos que o artista considera “sem tempo”. O título alude também à imprecisão e onirismo proveniente destas experiências. Concebidos para uma apreensão prolongada e contemplativa, na qual o tempo não importa, são também uma tentativa de confrontar o peso do imediatismo e urgência.

Na marca da “linha” encontra uma linguagem ancestral, um gesto repetido e reconfigurado incessantemente, desde antes de qualquer sistema de escrita. Cada marca é a consequência da anterior, segundo uma causalidade e vocabulário próprios do artista.

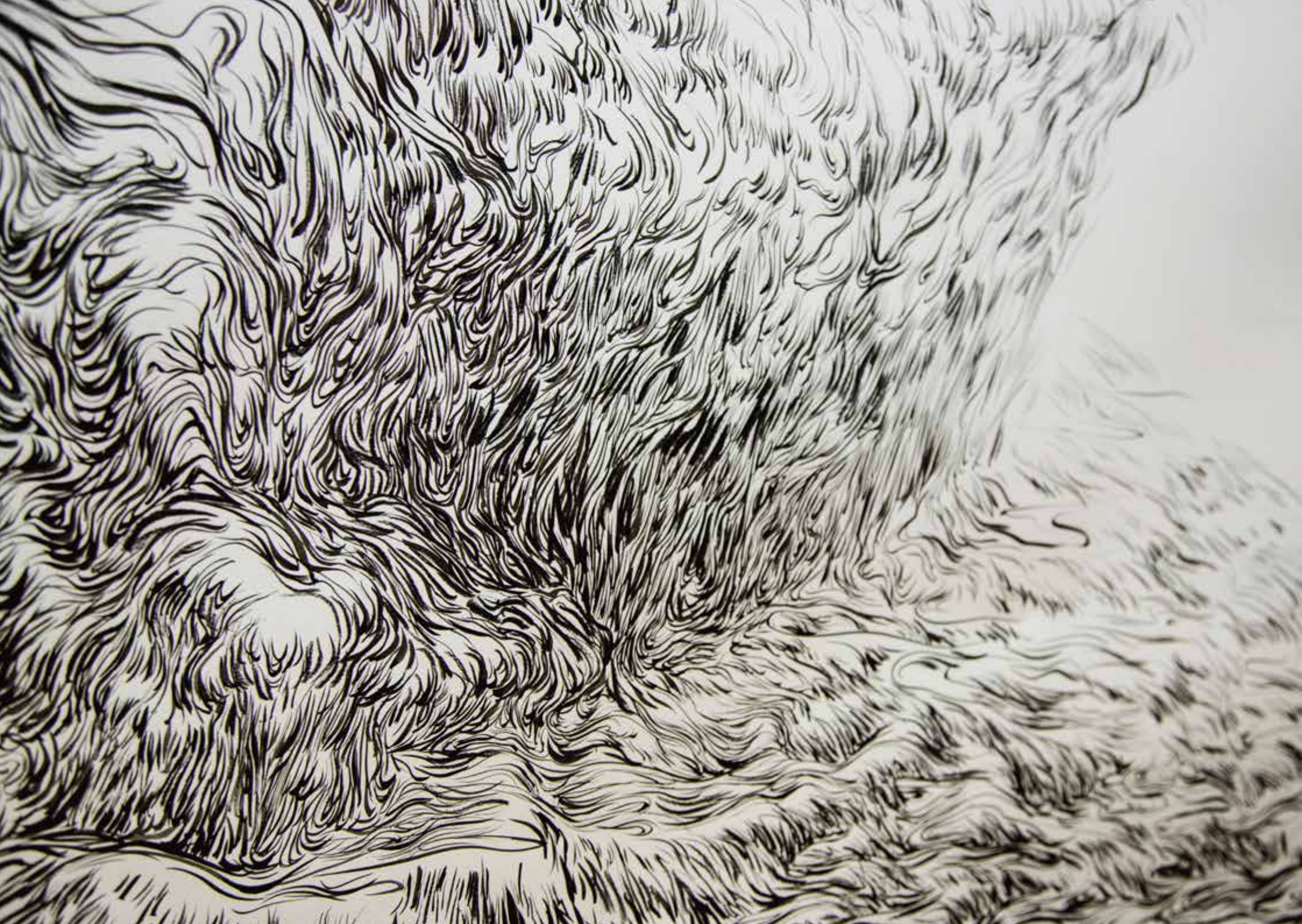
O interesse pela intemporalidade surgiu após um contacto profundo com as gravuras do vale do Côa, e o subsequente estudo de objectos cuja beleza e relevância perduram, fora do seu contexto, mas não deixam de ter sido verdadeiramente contemporâneas, no seu próprio tempo.

The scenes displayed in *The Crags' Dellirium* derive from a reflection upon the experience of places and phenomena the artist considers to be “without time”. The title also refers to the imprecision and otherworldliness of these experiences. Conceived for a prolonged, contemplative observation, unbound by time, they are attempt to confront the weight of immediatism and urgency.

In the “line” he finds an ancestral language, a gesture ceaselessly repeated and reconfigured, since before any system of writing. The drawings are created as a ripple, each mark is the consequence of another, according to the artist's own causality and vocabulary.

The interest in timelessness arose from a profound contact with the pre-historic engravings in the Côa Valley, and the subsequent study of objects whose beauty and relevance persist to this day, but were nonetheless truly contemporary in their own time.





Tiago Costa

FOREST (DIS)SECTION
técnica mista
dimensões variáveis
2019

Forest (dis)section é uma instalação composta por estruturas cilíndricas que intersectam o espaço expositivo, convidando o observador a percorrê-lo. Como o próprio título sugere, o conjunto ficciona uma floresta, apesar de se tratar de uma elaborada construção humana formada por retalhos de origem ambígua. Deste modo, cada cilindro individual corporiza uma árvore, ao ser revestido por tecidos que resultam da apropriação parcial de objetos em madeira pintada pré-existentes. Estes objetos, que consistiam em peças de mobiliário obsoletas, foram intervencionados à superfície, de modo a transferir para tecido parte da sua tinta e textura — vestígios que preservam a memória de um estado anterior. Longe de serem o objeto de onde provieram (entretanto, descartado) ou a árvore a partir da qual este foi feito, os tecidos preservam parte do caráter da planta e do utensílio, oscilando entre o objeto natural e o artefacto. Atentando nos processos de manipulação e instrumentalização da natureza, tomam-se como referência os procedimentos de enxertia realizados em árvores, explorando-se as ideias de hibridismo, prótese e artificialidade — visíveis na organização do conjunto.

Jamais uma árvore tombada e seccionada em tábuas (por sua vez, pregadas e pintadas) se voltará a erguer, no entanto *Forest (dis)section* ficciona essa possibilidade. À semelhança dos animais empalhados dos museus de História Natural — cujas peles são colecionadas e enformadas em volumes acolchoados que simulam os seus corpos de outrora —, também as árvores que compõem esta floresta se erguem através de um corpo que não lhes pertence, como num jogo de aparências em que o tecido-pele assegura uma ficção. Contrariamente ao que seria espectável num museu, esta coleção encontra-se desordenada e não parece obedecer a qualquer critério de classificação, já que fragmentos de múltiplas realidades apropriadas se interpenetram. Assistimos, portanto, aos ecos de realidades inacessíveis, forçosamente enxertadas para originar uma floresta quimérica.

Forest (dis)section is an installation composed by cylindrical structures that intersect the exhibition space, inviting the observer to walk through it. As the title itself suggests, the set fictions a forest, although it is an elaborate human construction formed by a patchwork of ambiguous origin. In this way, each individual cylinder embodies a tree, being covered by fabrics that result from the partial appropriation of pre-existing painted w

ood objects. These objects, which consisted of obsolete pieces of furniture, were worked on the surface in order to transfer to the fabric some of their paint and texture — vestiges that preserve the memory of an earlier state. Far from being the object from which they came from (meanwhile, discarded) or the tree from which it was made, the fabrics preserve part of the character of the plant and the utensil, oscillating between the natural object and the artifact. Focusing on the processes of manipulation and instrumentalization of nature, I use the grafting procedures performed on trees as reference, exploring the ideas of hybridity, prosthesis and artificiality — visible in the organization of the whole.

Never an overturned tree that was sectioned on boards (in turn, nailed and painted) will rise again, however *Forest (dis)section* fictionizes this possibility. Like the stuffed animals of the Natural History museums — whose skins are collected and shaped into quilted volumes that simulate their erstwhile bodies — the trees that compose this forest rise through a body that does not belong to them, as in a game of appearances in which the fabric-skin ensure a fiction. Contrary to what would be expected in a museum, this collection is disorderly and does not seem to obey any criterion of classification, since fragments of multiple appropriated realities interpenetrate each other. We therefore witness the echoes of inaccessible realities, forcibly grafted in order to create a chimerical forest.





Tomás Serrão

Casulo é uma escultura que tem como intuito agradar o observador, com as suas curvas delicadas e superfície suave. Simboliza equilíbrio e progresso, encapsulando o conceito de metamorfose e evolução: a habilidade de mudar e evoluir, preferivelmente para algo melhor e mais bonito do que era anteriormente.

Cocoon is a piece intended to please the observer, with its gentle curves and soft surface. It symbolizes balance and progress, encapsulating the concept of metamorphosis and evolution. The ability to change and evolve, preferably to something better and more beautiful than before.

CASULO
madeira
60 x 40 x 160 cm
2019





CURRICULA VITAE

Alberto Marques

+351 916 046 336

alberto.rodriguesmarques@gmail.com

Braga, 1995. Reside no concelho de Braga e estuda em Lisboa. FORMAÇÃO: Concluiu em 2018 a licenciatura em Pintura da FBAUL, passando o 2º semestre do último ano (4º ano) pela Facultad de Bellas Artes Universidad Complutense de Madrid, dentro do programa Erasmus+. EXPOSIÇÕES COLETIVAS: *Terra Incógnita*, Museu de Tapeçaria de Portalegre, 2017; *Contextil* no grupo de alunos da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, 2018; *Singular Pace*, ZET Gallery, Braga, 2018; *Isto é, achas*, Galeria da Faculdade de Belas-Artes, 2019; *Jet Lag*, Galeria Liminare, Lisboa, 2019.

Braga, 1995. Lives in Braga and studies in Lisbon. EDUCATION: In 2018, he concluded a degree in Painting at FBAUL and did the last semester of the 4th year at Facultad de Bellas Artes Universidad Complutense de Madrid, within Erasmus+ program. COLLECTIVE EXHIBITIONS: *Terra Incógnita*, Museu de Tapeçaria de Portalegre, 2017; *Contextil* being part of the group from Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Guimarães, 2018; *Singular Pace*, ZET GALLERY, Braga, 2018; *Isto é, achas*, Fbaul Gallery, Lisbon, 2019; *Jet Lag*, Liminare Gallery, Lisbon, 2019.

Ana Romãozinho

ana.r.cabrito@gmail.com

[@anaromaozinho](mailto:anaromaozinho.weebly.com)

Lisboa, 1996. Licenciada em Pintura, em 2018, na FBAUL, onde continua em Mestrado de Pintura. COLEÇÕES PÚBLICAS: Col. Fernando Figueiredo Ribeiro, QuARTEL, Abrantes, Col. C.M., Castelo Branco e Col. Salvador Granizo, Madrid. EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS: *O conto, o reconto e o narrável*, Galeria Módulo, 2019; *O Instante da Forma*, Sala da Nora, Castelo Branco, 2018; *Coleção 23*, Espaço Cultural Mercês, Lisboa, 2018. EXPOSIÇÕES COLETIVAS: destaque *Just LX*, Lisboa, 2019; *Studiolo XXI*, Fundação Eugénio de Almeida, 2019; *Drawing Room*, Madrid, 2019; 3.27, Centro Cultural de Cascais, 2017; PRÉMIOS: *Jovens Criadores*, cat. Artes Visuais, 2017.

Lisbon, 1996. BA in Painting at FBAUL, 2018. Since 2018, MA in Painting, also in FBAUL. PUBLIC COLLECTIONS: Col. Fernando Figueiredo Ribeiro, Col. C. M. de Castelo Branco and Col. Salvador Granizo, Madrid. INDIVIDUAL EXHIBITIONS: *O conto, o reconto e o narrável*, Galeria Módulo, Lisbon, 2019; *O Instante da Forma*, Galeria Sala da Nora, Castelo Branco, 2018; *Coleção 23*, Espaço Cultural Mercês, Lisboa, 2018. GROUP EXHIBITIONS: highlight *Just LX*, Lisboa, 2019; *Studiolo XXI*, Fundação Eugénio de Almeida, 2019; *Drawing Room*, Madrid, 2019; 3.27, Centro Cultural de Cascais, 2017. AWARDS: *Jovens Criadores*, Visual Arts category, 2017.

Ana Sofia Sá

+351 964 525 344

ana.sofia4839mail.com

Viana do Castelo, 1997. Reside em Lisboa. FORMAÇÃO: Concluiu em 2018 a Licenciatura em Escultura da FBAUL e iniciou o Mestrado em Pintura da FBAUL em 2018 até ao presente. EXPOSIÇÕES COLETIVAS: 11ª edição das G.A.B.A. (Galerias Abertas da Faculdade de Belas-Artes), 2017; Comemorações Dia das Belas Artes, 180 anos, 2017; 12ª edição das G.A.B.A. (Galerias Abertas da Faculdade de Belas-Artes), 2018; *Lugares e Caminhos* na Galeria Municipal de Proença-a-Nova, 2018; *Singular Pace* na Zet Gallery, 2018/2019; *mesa* na Galeria Municipal de Aljustrel, 2019; 13ª edição das G.A.B.A. (Galerias Abertas da Faculdade de Belas-Artes), 2019. EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS: *extraterra* no Lugar Sagrado na Aldeia do Feital, 2019. RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS: Residência Artística RésVés, 2017; Residência de Proença-a-Nova, 2017; Residência Artística na Aldeia do Feital (Prémio Luzlinar), 2018/2019. PRÉMIOS: Prémio do Concurso Projeto Casa Ecológica T0 da Quinta das Relvas, 2017; prémios no âmbito das Galerias Abertas das Belas Artes de 2018: Prémio Luzlinar, 2018; Prémio da Casa das Artes de Tavira, 2018; Prémio Zet Gallery, 2018.

Viana do Castelo, 1997. Lives in Lisbon. QUALIFICATIONS: Bachelor degree in Sculpture of the FBAUL, 2015 — 2018; Master in Painting of the FBAUL, 2018 to the present. COLLECTIVE EXHIBITIONS: 11th edition of G.A.B.A. (Galerias Abertas da Faculdade de Belas Artes),

2017; Commemoration “Fine Arts Day”, 180 years, 2017; 12th edition of G.A.B.A. (Galerias Abertas da Faculdade de Belas-Artes), 2018; *Lugares e Caminhos (Paths and Places)* at the Galeria Municipal de Proença-a-Nova, 2018; *Singular Pace* at the Zet Gallery, 2018 — 2019; *mesa (table)* at the Galeria Municipal de Aljustrel, 2019; 13th edition of G.A.B.A. (Galerias Abertas da Faculdade de Belas-Artes), 2019. SOLO EXHIBITIONS: *extraterra (beyond earth)* at the Lugar Sagrado in Aldeia do Feital, 2019. ARTIST RESIDENCIES: Artist Residency RésVés, 2017; Artist Residency of Proença-a-Nova, 2017; Artist Residency in Aldeia do Feital (Luzlinar Award), 2018/2019. AWARDS: Ecological House T0 Award, 2017; Awards as a result of the G.A.B.A. 2018: Luzlinar Award, 2018; Casa das Artes de Tavira Award, 2018; Zet Gallery Award, 2018.

Ânia Pais

+351 969 674 691

ania.cecilia@hotmail.com
[@ania.paisart](https://www.instagram.com/ania.paisart)

Açores, 1998. Reside no concelho da Covilhã e estuda em Lisboa. FORMAÇÃO: Encontra-se atualmente no 3º Ano na licenciatura em Pintura da FBAUL. EXPOSIÇÕES COLETIVAS: Ateliers Abertos da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2017; *12X12*, Galeria Arte Graça, Lisboa, 2017; Galerias Abertas da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2018; 3 pinturas na Inauguração do livro “Não faças barulho. Fui ali gritar que

te amava” de João Dordio, Palácio Baldaya, Lisboa, 2018; *Contextile*, Bienal de arte têxtil contemporânea, Palácio Vila Flor, Guimarães, 2018; Young Minds Matter, Lisboa, 2018; 9ª Edição da AAVG de Lisboa, como Artista Convidada, 2018; *12X12*, Galeria Arte Graça, Lisboa; 2018; *Elogio da matéria*, Galeria Pintor Fernando de Azevedo, Sociedade Nacional de Belas Artes, 2019. EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS: *Alguém*, União de Freguesias do Teixoso e Sarzedo, Teixoso-Covilhã, 2018; *Sopro Mortal*, Galeria António Lopes, Covilhã, 2019.

Azores, 1998. Lives in the city of Covilhã and studies in Lisbon. TRAINING: is currently in the 3rd year in the Painting degree in FBAUL. COLLECTIVE EXHIBITIONS: Open Ateliers of the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon, 2017; *12X12*, Galeria Arte Graça, Lisbon, 2017; Open Galleries of the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon, 2018; 3 paintings at the Inauguration of the book “Não faças barulho. Fui ali gritar que te amava” from João Dordio, Baldaya Palace, Lisbon, 2018; *Contextile*, Biennial of contemporary textile art, Vila Flor Palace, Guimarães, 2018; Young Minds Matter, Lisbon, 2018; 9th Edition of the AAVG of Lisbon, as Guest Artist, 2018; *12X12*, Arte Graça Gallery, Lisbon; 2018; *Praise of the Matter*, Gallery Pintor Fernando de Azevedo, National Society of Fine Arts, 2019. INDIVIDUAL EXPOSITIONS: *Alguém*, Union of Parishes of Teixoso and Sarzedo, Teixoso-Covilhã, 2018; *Sopro Mortal*, António Lopes Gallery, Covilhã, 2019.

Bárbara Jasmins

+351 913 859 436
barbarajasminsart@gmail.com
@barbarajasmins

Ponta Delgada, 1994. Mora no concelho de Lisboa e estuda em Lisboa. QUALIFICAÇÕES: Atualmente no 3º ano do curso de Pintura na FBAUL. Exposições: *Rostos do Poder Local*, Lagoa, São Miguel, Açores, 2013. GAB-A — FBAUL — 12ª edição das galerias abertas 2018. GAB-A — FBAUL — 13ª edição das galerias abertas 2019.

Ponta Delgada, 1994. She lives in the municipality of Lisbon and studies in Lisbon. QUALIFICATIONS: Currently in the 3rd year of Painting degree in FBAUL. Exhibitions: *Rostos do Poder Local*, Lagoa, São Miguel, Azores, 2013. GAB-A — FBAUL — 12th edition of the open galleries of the fine arts 2018. GAB-A — FBAUL — 13th edition of the open galleries of the fine arts 2019.

Joana Hamrol

hamroljoana@gmail.com
@jhamrol.art

Faro, 1986. Reside e trabalha em Lisboa. FORMAÇÃO: Licenciatura em Artes-Plásticas — Pintura, FBAUL, 2008. Frequenta o Mestrado em Pintura, FBAUL. EXPOSIÇÕES COLETIVAS: 3ª Edição Prémio Paula Rego, 2018/19; ARTIS 2018 e 2015 Casino Estoril; *Vive-Arte*, II e III Exposicións Internacionais de Arte Contemporâneo, Espanha; BOOMSHIRT, Estoril FashionArt Festival, 2010; *Biennale of Young*

European Art 2009/2011 — JCE Biennial. EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS: *Botijas*, RA 100 Arroios, 2017; *Drawings*, Central Room Svetliná, Bulgaria, 2014; *Portraits*, Centro Cultural Casapiano, Lisboa, 2012. PRÉMIOS: Menção Honrosa, *XXII Salão de Primavera* do Casino Estoril, 2009.

Faro, 1986. Lives and works in Lisbon. ACADEMIC BACKGROUND: BA Fine Art-Painting, FBAUL, 2008. MA in Painting (2018-on going), FBAUL. GROUP EXHIBITIONS: 3th Edition Paula Rego Prize, 2018/19; ARTIS 2018 and 2015 Casino Estoril; *Vive-Arte*, II and III International Exhibition of Contemporary Art, Spain; BOOMSHIRT, Estoril FashionArt Festival, 2010; *Biennale of Young European Art 2009/2011* — JCE Biennial. SOLO EXHIBITIONS: *Botijas*, RA 100 Arroios, Lisbon, 2017; *Drawings*, Central Room Svetliná, Bulgaria, 2014; *Portraits*, Centro Cultural Casapiano, Lisbon, 2012. AWARDS: Honorable Mention, *XXII Salão de Primavera*, Casino Estoril, 2009.

Joana Paiva Sequeira

+351 918 678 631
j.paiva.sequeira@gmail.com
labartresearch.com/joana_paiva_sequeira.html

Lisboa, 1997. Reside e estuda em Lisboa. FORMAÇÃO: Concluiu em 2018 a licenciatura em Escultura da FBAUL e encontra-se atualmente inscrita em Mestrado, especializada em Escultura também na FBAUL. PRÉMIOS: 1º Prémio de Escultura no Concurso da XV Exposição de

Pintura, Modelismo Naval e Escultura *O Mar e Motivos Marítimos*, Museu de Marinha; Menção Honrosa no Concurso XI Bienal Salão das Artes Vidigueira 2018; Prémio Revelação D. Fernando II no Prémio Pintura e Escultura de Sintra D. Fernando II XIV Edição 2018. EXPOSIÇÕES COLETIVAS: Prémio Pintura e Escultura de Sintra D. Fernando II XIV Edição 2018.

Lisbon, 1997. Lives and studies in Lisbon. TRAINING: Completed in 2018 the degree in Sculpture of the FBAUL and is currently enrolled in Master, specialized in Sculpture also in the FBAUL. AWARDS: 1st Prize of Sculpture in the Competition of the XV Exhibition of Painting, Naval Modeling and Sculpture *O Mar e Motivos Marítimos*, Museu de Marinha; Honorable Mention in the Contest XI Bienal Salão das Artes Vidigueira 2018; Revelation Prize D. Fernando II in the Painting and Sculpture Prize of Sintra D. Fernando II XIV Edition 2018. COLLECTIVE EXHIBITIONS: Prize Painting and Sculpture of Sintra D. Fernando II XIV Edition 2018.

João Madureira

joao.madureira.silva17@gmail.com

Lisboa, 1994. Reside no concelho da Amadora e estuda em Lisboa. FORMAÇÃO: licenciatura em Escultura da FBAUL e atualmente no Mestrado de Arte e Multimédia da mesma Faculdade. EXPOSIÇÕES: Coletiva dos alunos de escultura da FBAUL, na 2ª edição do festival FDUL Experience, 2015; Exposição

Empírico — Câmara Municipal de Aljustrel, 2016; Exposição coletiva Escultura IV, FBAUL, 2016; 10ª edição das GAB-A da FBAUL, Lisboa, 2016; exposição de finalistas de Escultura 15'16 *Do Convento Ao Palácio*, Palácio Marquês de Pombal, Oeiras, 2017. 11ª edição das GAB-A da FBAUL, Lisboa, 2017; Mostra Nacional de Jovens Criadores, Nova SBE, Carcavelos, 2018.

Lisbon, 1994. He lives in the municipality of Amadora and studies in Lisbon. FORMATION: Degree in Sculpture of the FBAUL and currently in Masters of Arts and Multimedia of the same Faculty. EXHIBITIONS: Collective of the FBAUL sculpture students, in the 2nd edition of the FDUL Experience festival, 2015; Empírico Exhibition — Aljustrel Municipal Council, 2016; Collective exhibition Escultura IV, FBAUL, 2016; 10th edition of the GAB-A of the FBAUL, Lisbon, 2016; exhibition of Sculpture finalists 15'16 *Do Convento Ao Palácio*, Marquês de Pombal Palace, Oeiras, 2017. 11th edition of the FBAUL GAB-A, Lisbon, 2017; National Exhibition of Jovens Criadores, Nova SBE, Carcavelos, 2018.

Julian Sanchez

+351 918 482 715
juliansanchezart@gmail.com
[@julian_sanchez_art](https://www.instagram.com/julian_sanchez_art)

Medellin, Colombia 1988, Depois de viver 12 anos em Londres, muda-se para Lisboa onde reside atualmente. Frequenta a Licenciatura em pintura na FBAUL. EXPOSIÇÕES

COLECTIVAS: *Prémio Paula Rego*, Cascais 2018, *Fear and other tales*. Open house, Londres 2018; *Up your creativity*, Londres 2017; Fountain road studios open day, Londres 2017.

Medellin, Colombia 1988, After living in London for 12 years, moved to Lisbon where he attends a bachelor's degree in painting at FBAUL. COLLECTIVE EXHIBITIONS: *Paula Rego Award*, Cascais 2018; *Fear and other tales*, Open house, London 2018; *Up your creativity*, London 2017; Fountain road studios, Open day, London 2017.

Lígia Fernandes

+351 917 706 247
ligiampfernandes@hotmail.com
[@ligiampfernandes](https://www.instagram.com/ligiampfernandes)

Setúbal, 1985. Frequenta o mestrado em Pintura na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, depois de estudar Desenho na mesma faculdade. Dedicada às artes visuais desde 2014, participou em várias exposições, residências e intercâmbios (Portugal, Montenegro, Hungria, Letónia). Parte da empatia para explorar a cultura, a etnografia e a identidade através da pintura e do desenho. Residências artísticas: NEXTSTOP, Largo Residências (2019); Festival Clepsidra (2017, 2018), RESVÉS (2016, 2017) Prémios: Prémio Paula Rego (selecionada para exposição 2017, 2018, 2019). Exposições individuais: Ibirapi Lisboa, 2018; Casa da Cultura da Comporta, 2018.

Setúbal, 1985. Currently frequenting the Master degree in Painting at

FBAUL, after studying Drawing at the same faculty. Dedicated to visual arts since 2014, participated in several exhibitions, residencies and exchange programs (Portugal, Montenegro, Hungary, Latvia). Starting from empathy, she uses drawing and painting as tools to explore culture, ethnography and identity. Artist Residencies: Largo Residências (2019), Clepsidra Festival (2017, 2018) RÉSVÉS (2016, 2017); Prizes: Prémio Paula Rego (Selected for group exhibition — 2017, 2018, 2019); Individual Exhibitions: Ibirapi Gallery, Lisbon, 2018; Casa da Cultura da Comporta, 2018.

Lorenzo Bordonaro

+351 934 024 993
lorenzo.bordonaro@gmail.com
www.bordonaro.eu

Lorenzo Bordonaro (MA Filosofia, PhD Antropologia) tem realizado pesquisas etnográficas na Guiné Bissau, Cabo Verde, Portugal e Brasil. Estudou desenho e pintura no ArCo (Lisboa) e é atualmente estudante do Mestrado em Escultura da FBAUL. Coordenou projetos de arte pública em contextos sociais e geográficos diferentes, e participou em numerosos eventos, festivais e exposições coletivas, entre as quais Ethnographic Terminalia em Chicago (2013), a Bienal de Arquitetura de Veneza (Parallel events, 2016) e Manifesta 12 em Palermo (waiting for Manifesta, 2017).

Lorenzo Bordonaro (BA+MA Philosophy, PhD Cultural Anthropology), conducted

ethnographic research in Guinea Bissau, Cape Verde, Portugal and Brazil. He studied painting and drawing at ArCo (Lisbon) and is presently MA candidate in Sculpture at FBAUL. He curated and coordinated public art projects in different countries, and participated in several events, festivals and collective exhibitions, among which Ethnographic Terminalia in Chicago, US (2013), Venezia Architecture Biennale (Parallel events, 2016) and Manifesta 12 in Palermo (waiting for Manifesta, 2017).

Maria Inês Alves

m.ialves003@gmail.com
[mariainesalves.wixsite.com/portfolio](https://www.wixsite.com/portfolio/mariainesalves)

Lisboa, 1997. FORMAÇÃO: A frequentar a licenciatura em Pintura — 4º ano, na FBAUL. EXPOSIÇÕES COLETIVAS: Galerias Abertas das Belas Artes, 11ª, 12ª e 13ª Edição 2017-19; IV Edição Prémio de Fotografia de Sintra, 2018; Museu das Artes de Sintra, 2018; *Relógio de Sol*, 2018, *Reflecto*, 2017, Clube Mercearia, Lumiar; Finalistas 2ª Edição Prémio Paula Rego, Casa das Histórias, 2017; Laboratório Artístico — Residência Educativa MAAT, Edifício Central Tejo, 2017; Erasmus Art Festival Lisboa, EKA Palace, 2017. PRÉMIOS: Menção Honrosa — IV Edição do Prémio de Fotografia de Sintra; Finalista — II Edição do Prémio Paula Rego.

Lisboa, 1997. EDUCATION: Currently attending FBAUL — BA in Painting, 4th year. COLLECTIVE EXHIBITIONS:

Galerias Abertas das Belas Artes, 11ª, 12ª e 13ª Editions 2017-19; IV Edition Sintra's Photography Prize, Museu das Artes de Sintra, 2018; *Relógio de Sol*, 2018, *Reflecto*, 2017, Clube Mercearia, Lumiar; Finalists II Edition Paula Rego Prize, Casa das Histórias, 2017; Laboratório Artístico — Residência Educativa MAAT, Edifício Central Tejo, 2017; Erasmus Art Festival Lisboa, EKA Palace 2017. AWARDS: Honorable Mention — IV Edition Sintra's Photography Prize; Finalist — II Edition Paula Rego Prize.

Pedro Liñares

pq@campus.ul.pt
www.pedrolinares.net

Brasileiro, reside em Lisboa desde 2017. Bacharel em Relações Internacionais pela PUC-RIO e bolsista da Escola de Artes Visuais do Parque Lage e da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participou das exposições coletivas: *Imersões* na Casa França-Brasil em 2016 com curadoria de Marcelo Campos, Cadu e Efrain Almeida; Exposição Coletiva dos bolsistas de *Fundação Artística* da EAV-Parque Lage em 2015; eventos paralelos do ArtRio no Galpão Ação e Cidadania, Gamboa, Rio de Janeiro em 2015.

Brazilian, living in Lisbon since 2017. Bachelor's degree in International Relations from PUC-RIO and a scholarship holder at the Parque Lage School of Visual Arts and the School of Fine Arts at the Federal University of Rio de Janeiro. Participated in the group exhibitions: *Imersões* at the

France-Brazil House in 2016 curated by Marcelo Campos, Cadu and Efrain Almeida; Collective Exhibition of the *Fundação Artística* scholarship recipients of the EAV-Parque Lage in 2015; parallel events of ArtRio at the Ação e Cidadania Warehouse, at Gamboa, Rio de Janeiro in 2015.

Simão Martinez

simaomartinezpinto@gmail.com
www.simaomartinez.com

Lisboa, 1993. Vive e trabalha em Lisboa, licenciatura em Desenho pela FBAUL, 2019. Exposições individuais: *Desforma*, Cais 16 Gallery, Cascais, 2017; *Prosas Desfocadas*, Centro Nacional de Cultura, 2014; Exposições colectivas: *Artrooms Fair London*, Meliã White House, Londres, 2019; *Gravura e Transgressão*, Museu Arqueológico do Carmo, 2019; *Desenho(s) em Construção*, Galeria de Santa Maria Maior, 2018; *Prémio Paula Rego*, Casa das Histórias Paula Rego, 2018; *Carmo, Chiado, e as aparições de Fausto*, Maison André Gouveia, Paris, 2018; *Da Matéria ao Traço*, Galeria Arte Graça, 2018; *Novos Olhares sobre o Côa*, Museu do Côa, 2017.

Lisbon, 1993. Lives and works in Lisbon. BA in Drawing, FBAUL, 2019. Solo Exhibitions: *Desforma*, Cais 16 Gallery, Cascais, 2017; *Blurred Prose*, National Centre for Culture, 2014; Group Exhibitions: *Artrooms Fair London*, Meliã White House, London, 2019; *Printmaking and Transgression*, Carmo Archaeological Museum, 2019; *Drawing(s) in Construction*, Galeria

de Santa Maria Maior, 2018; *Paula Rego Prize*, Paula Rego House of Stories, 2018; *Carmo, Chiado, and the Apparitions of Faust*, Maison André Gouveia, Paris, 2018; *From Matter to Line*, Galeria Arte Graça, 2018; *New Regards on the Côa*, Côa Museum, 2017.

Tiago Costa

+351 968 117 053
tiago.m.costa@hotmail.com

Évora, 1995. Vive e trabalha em Lisboa. FORMAÇÃO: Licenciado em Artes Visuais — Multimédia pela Universidade de Évora (2016), frequenta o segundo ano do Mestrado em Pintura da FBAUL. EXPOSIÇÕES COLETIVAS: *Exposição Prémio de Pintura e Escultura de Sintra — D. Fernando II*, MU.SA, 2017; *XIX Bienal Internacional de Arte de Cerveira*, 2017; *Construções Modulares*, Centro de Arte e Cultura da Fundação Eugénio de Almeida (Évora), 2016. PRÉMIOS: Menção Honrosa em Pintura, Prémio de Pintura e Escultura de Sintra — D. Fernando II, 2017; Prémio de Pintura Henrique Pousão, 2016.

Évora, 1995. Lives and works in Lisbon. EDUCATION: Bachelor of Visual Arts — Multimedia, at University of Évora (2016), currently attends the second year of the MFA in Painting at FBAUL. COLLECTIVE EXHIBITIONS; *Exposição Prémio de Pintura e Escultura de Sintra — D. Fernando II*, MU.SA, 2017; *XIX Bienal Internacional de Arte de Cerveira*, 2017; *Construções Modulares*, Centro de Arte e Cultura da Fundação

Eugénio de Almeida (Évora), 2016. AWARDS: Honorable Mention in Painting at Prémio de Pintura e Escultura de Sintra — D. Fernando II, 2017; First Prize at Prémio de Pintura Henrique Pousão, 2016.

Tomás Serrão

+351 964 354 031
tomas.gserrao@gmail.com

Lisboa, 1999. Estudou Ciências e Tecnologias no Liceu Rainha D. Leonor, no ensino secundário. De momento, encontra-se no 2º ano da Licenciatura Bolonha em Escultura, na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Nunca participou em nenhuma exposição, privada ou coletiva.

Lisbon, 1999. Studied Sciences and Technologies in High-School. Currently studying Sculpture at the Fine-Arts College in Lisbon, 2nd year of the Bachelor's degree. Never participated in any exhibition, collective or private.

PRÉMIO SGPCM—FBAUL

12.07—30.08.2019
Secretaria-Geral
da Presidência do Conselho
de Ministros

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
DE MINISTROS
— SECRETARIA-GERAL
Rua Prof. Gomes Teixeira, 2
1399-022 Lisboa
t. +351 213 927 610
secretariado@sg.pcm.gov.pt
www.sg.pcm.gov.pt

FACULDADE DE BELAS-ARTES
UNIVERSIDADE DE LISBOA
Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa
t. +351 213 252 100
comunicacao@belasartes.ulisboa.pt
www.belasartes.ulisboa.pt

COORDENAÇÃO

Ilídio Salteiro
Leonor Fonseca

DIVULGAÇÃO

Isabel Nunes
Maria Teresa Sabido

FOTOGRAFIA

Leonor Fonseca

DESIGN

Tomás Gouveia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

ICNM

ISBN

978-989-8944-21-4

DEPÓSITO LEGAL

458011/19

Lisboa, julho 2019



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Secretaria-Geral

b
—
a

belas-artes
ulisboa

© b—a 2019
© dos textos e das fotografias, os autores.



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS
Secretaria-Geral

$\frac{b}{a}$

belas-artes
ulisboa